av. A.FA. 80/2.

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

PORTE PAGO AVENÇA

ANO XXXIII

31 DE MAIO DE 1977

N.º 382

Avulso Esc. 7$50

Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua Saraiva de Carvalho, 97 — LISBOA-3 — Telef.: 603778

COM AMOR NO CORAÇÃO

Por DR. NUNO DE MIRANDA

Uma das presunções risíveis do homem contemporâneo, consiste em cotejar a vida dos nossos dias com o mundo da Antiguidade, com o vão propósito de nos sentirmos superiores.

Certamente que os todo-poderosos daqueles velhos bons tempos não sonhavam o bem-estar que actualmente nos rodeia. Faltavam-lhes os requintes que a mecânica coloca à nossa disposição, preservando-nos das flutuações climatéricas no decorrer das estações do ano. Faltavam-lhes as substâncias que nos aliviam dos males físicos e nos prolongam a vida, as facilidades para a aquisição da cultura, enfim, todo um acervo e todo um complexo de manifestações que a técnica, expressão do mundo moderno alcançada pelo homem contra natureza, maneja para reduzir os segredos e minorar as curiosidades e as intenções.

Naturalmente que a técnica deu, ao homem, vantagens sem par em relação aos antigos, tanto no plano das realizações materiais como nas puras ambições do espírito.

O homem moderno efectivamente desmoralizou as utopias, uma vez que aprazou com minúcias cronométricas a sua descida na Lua, derrubando o que até então era o máximo, no campo dos sonhos dos Poetas!... Por isso mesmo, o homem moderno — orgulhoso da sua inteligência actuante — recorda com piedade o seu irmão de antigamente.

Todavia... Todavia, os progressos do presente devem-se mais ao tempo do que ao homem. Não se orgulhe, pois, o homem moderno dessa pretensa superioridade.

Os poemas homéricos são imortais. A palavra perfeita, já Esquilo a havia alcançado no *Prometeu acorrentado*. O pensamento de Platão ganhou alturas e a sua frase era tão doce, que se dizia virem abelhas para lhe sorver o mel da boca. Haverá poeta capaz de destronar Virgílio? E que escola, de hoje — com suas técnicas modernas — logrou apagar a simplicidade, a harmonia da estatuária helénica? Aristóteles, quem — em inteligência — o ultrapassou na humanidade? Na filosofia, nas artes, nas ciências, na política, mais não fazemos senão acompanhar as grandes linhas dos antigos!...

Por isso mesmo, Bertrand Russell nos adverte de que, em cerca de um milhão de anos em que o homem vem existindo sobre a superfície da Terra, apenas há trezentos existe a ciência «como factor dominante nas crenças do homem educado». E só há pouco mais de cinquenta anos «como fonte de técnica económica».

Pode, a partir daí, lançar-se o nosso raciocínio, no sentido de imaginarmos a que proporções atingirá a ciência ao serviço da técnica. Mas, notemos, a ciência só é bela quando ela for a dinamização da inteligência. O desenvolvimento material

Continua na pág. 11

UMA FOTOGRAFIA PREMIADA



Esta fotografia mostra escoteiros italianos a consertar peças de mobiliário, danificadas pelo terrível sismo que causou grandes destroços, durante a Primavera do ano passado, na região de Friuli, no norte de Itália. Nos trabalhos de salvamento, os escoteiros souberam estar presentes e cumprir o dever que a sua divisa lhes inspira : Sempre Pronto.

Esta fotografia foi premiada no 12.º concurso de fotografia e de pintura escotistas, que se realizou em Arco, na Itália, em Setembro do ano passado.

Duas notas altas no mesmo trabalho : um óptimo trabalho fotográfico e uma excelente actividade escotista.

A ACM em serviço

Interessante Campanha de Solidariedade

O novo afluxo de portugueses expulsos de Moçambique, em razão de não quererem adoptar outra nacionalidade, empenhou as associações humanitárias numa acção de apoio àqueles que chegavam a Lisboa despojados de todos os seus bens e haveres. A Aliança Nacional das ACMs de Portugal imediatamente colocou os seus serviços no acolhimento a estes infelizes, mobilizando pessoal que, num trabalho árduo, procurou minimizar as carências dos refugiados.

Um dos aspectos desta assistência tem sido o fornecimento de roupas, já que os recém-chegados muitas vezes trazem apenas aquilo que vem vestido. Graças à colocação de diversas organizações, que recebem de igrejas estrangeiras roupas, leite e queijo, dispensando estes artigos à ACM, foi possível assistir a muita gente. Chegou, porém, o momento em que as roupas se esgotaram.

Parecia que só de fora do País poderiam chegar estas ofertas. Mas a ACM não aceitou essa posição e lançou apelo aos seus associados e depois à população em geral. Assistiu-se então a uma operação de solidariedade verdadeiramente extraordinária. De todos os pontos de Portugal começaram a chegar à sede da associação, na Rua Saraiva de Carvalho, n.º 97, em Lisboa, inúmeras ofertas de roupas, agasalhos, calçado, que, embora usados, se não poderiam considerar velhos. Houve mesmo ofertas de dinheiro que permitiram auxílios de emergência.

O jornal «O DIA» abriu nas suas colunas uma campanha a favor deste apelo, surgindo aqui também ofertas de dinheiro e roupas. Nem só os estrangeiros são capazes de ser generosos, os Portugueses deram nesta circunstância uma consoladora prova de solidariedade, que importa destacar, e que ainda está em curso.

A oração da floresta

Sou o lenho que te aquece
no Inverno. E amorosamente
que sombra te oferece,
quando queima o sol ardente.

Sou a viga do teu tecto
e as pranchas da tua mesa,
dou leito ao teu sono quieto
e ao teu barco quilha tesa.

Sou o cabo da tua enxada
e o portal da tua morada.

Nos teus tempos de criança,
fui o berço que balança.

Morto, em mim é que encerra
o teu corpo sob a terra.

Sou o pão da graça e dou
flor que em fruto amadurece.
Homem ouve a minha prece:
— Não destruas o que sou!

(De autor alemão anónimo)

Transc. de *A Folha da Tarde*, de S. Paulo.

FALECIMENTOS

Dr. José Jonas de Santa Brígida de Sá Viegas

Em 2 de Maio passado, faleceu o sr. dr. José Jonas de Santa Brígida de Sá Viegas, pai da sr.ª D. Maria Carolina de Sá Viegas e Cunha, esposa do nosso companheiro e amigo José António Ribeiro e Cunha, dirigente do Grupo 93, de Sintra.

O extinto era natural da Índia Portuguesa, exerceu medicina obstetrícia durante vários anos em Angola, principalmente em Benguela, encontrando-se em Lisboa desde fins de 1973, altura em que foi vítima da primeira crise que o deixou inutilizado para o exercício da profissão. Era pai das guias Jana e Bela, bem como da Carola, todas membros do Grupo 39, de Benguela, e ainda do estudante de medicina José Sá Viegas.

À família enlutada, «S. P.» apresenta as suas condolências, em particular ao nosso colaborador José António Ribeiro e Cunha e a sua esposa.

António C. de Almeida Louro

Também em 30 de Abril passado, faleceu o sr. António C. de Almeida Louro, nosso antigo assinante de Lisboa, que nos últimos anos tinha fixado residência na Cotovia, em Sesimbra.

«S. P.» apresenta condolências à família em luto, particularmente a seu filho, o nosso amigo sr. José Luís de Almeida Louro.

DOS AMIGOS DE «SEMPRE PRONTO»

DE LUTO

Pelo falecimento de sua mãe ocorrido no fim de Abril passado, encontra-se de luto o nosso amigo sr. Álvaro da Rocha Rodrigues, antigo dirigente da Grupo n.º 2.

★

Em 9 de Abril p. p., faleceu o sr. Luís César da Costa, de 81 anos de idade. O extinto era pai das sr.as D. Maria Luísa Gomes da Costa Bento, D. Fernanda Gomes da Costa Oliveira, D. Olga Gomes da Costa Barbosa e D. Maria da Conceição Gomes da Costa Viegas e dos srs. Carlos Gomes da Costa e do nosso amigo Hernâni Gomes da Costa.

A estes nossos dedicados assinantes, apresentamos sentidos pêsames.

Assinantes da província

Repetimos o apelo para que os nossos estimados assinantes, residentes em localidades onde temos reduzido número de leitores, colaborem com a Administração, remetendo-nos o valor de suas assinaturas.

Desde já agradecemos a resposta ao nosso apelo.

EM COIMBRA

Os Escutas do Agrupamento 358 (Sé Nova) limpam as paredes da Universidade

Os Escutas do Agrupamento 358, da Sé Nova, em Coimbra, verificando que as paredes de algumas faculdades se encontravam com aspecto desolador, em virtude de inscrições e cartazes sujos e rasgados, resolveram proceder à sua limpeza. E se bem o pensaram, melhor o fizeram. Depois de um dia de útil actividade, restituíram àqueles edifícios públicos o aspecto decente a que têm direito.

Há sempre oportunidade de bem-servir, o que é preciso é vontade de o fazer.

A água, meio de vida essencial (3)

O valor económico da água

Do que já foi dito nos trabalhos anteriores, conclui-se facilmente, e decerto sem margem para dúvidas, que a água é indispensável ao homem, tal como aos outros animais e plantas, como é óbvio. Compreende-se, desta forma, o grande valor da água. Juntamente com o petróleo, mas ainda mais que este, são os dois mais preciosos líquidos que existem no nosso planeta.

De todos os fenómenos meteorológicos, — diz Emmanuel de Martonne — *a chuva parece ser aquele cujas variações locais maior repercussão têm à superfície.* E enumera, a seguir, as consequências do regime das precipitações: a decomposição das rochas, a formação dos solos, a escorrência, a erosão e o aluvionamento e ainda os diferentes tipos de vegetação e, daí, os caracteres da fauna. A terminar, este cientista não hesita em dizer que *a actividade humana acusa os seus efeitos e a própria vida económica é influenciada pelas variações das precipitações, que favorecem ou comprometem as colheitas.*

É tão importante o papel desempenhado pela água na actividade humana que Clayton refere que, a uma série de anos secos, se segue sempre uma crise financeira e, até, com frequência, alterações políticas.

O abastecimento de água é vital para os aglomerados humanos. Uma cidade sem água é uma cidade em crise, todos o sabemos. Os escoteiros escolhem, para acampar, terrenos que ofereçam possibilidade de abastecimento de água potável. Diariamente, na nossa vida precisamos de água. Logo pela manhã, a ela recorremos para as práticas higiénicas. A boa ordem da vida doméstica seria intimamente afectada sem este precioso bem.

Está calculado que, normalmente, cada pessoa consome, por dia, cerca de 250 litros de água, assim distribuídos:

Sanitários: 50 litros.
Banho e chuveiro: 100 litros.
Lavandaria: 30 litros.
Lavagem de loiça: 25 litros.
Alimentação e bebida: 15 litros.
Regas: 15 litros.
Outros fins indeterminados: 15 litros.

Estes dados dão-nos uma imagem do que sejam as quantidades de água necessárias para abastecer as grandes cidades modernas, com milhões de habitantes e com indústrias gigantescas e serviços, outros grandes consumidores de água. Que grandiosos serão esses sistemas de captação de água e como devem ser enormes as condutas que a levam aos locais de consumo! Daqui se pode inferir quão vultuosos serão os capitais necessários à construção e conservação dessas colossais instalações.

Sem água, as indústrias não poderiam funcionar

Porém, como se compreende, a água não é só necessária nas nossas habitações. As indústrias, como dissemos acima, consomem grandes quantidades de água. Vejamos, a título de exemplo, a água necessária para produzir 1 kg dos seguintes produtos:

Açúcar: 2000 litros.
Aço: mais de 400 litros.
Papel: aproximadamente 250 litros.
Lã: 600 litros.
Borracha sintética: 1750 litros.
Cimento: 3500 litros.

Para produzir um litro de petróleo serão precisos cerca de 180 litros de água. Uma lata de conserva de legumes importa no gasto de 40 litros da preciosa linfa.

E não apenas a indústria transformadora carece de água para a sua actividade. O próprio turismo depende por completo deste elemento vital. As praias atraem milhares e milhares de forasteiros, o que impõe um bom abastecimento de água e dá origem ao desenvolvimento da hotelaria, das agências de viagem, artesanato, estabelecimentos balneares, transportes, vida cultural e desportiva. Tudo à custa de água em quantidade, assim como as termas, que exploram directamente as águas minero-medicinais.

E o futuro não dá indícios de que abrande esta necessidade de água. As grandes fábricas que serão movidas por energia nuclear exigirão, para o seu funcionamento, mais metade do consumo de água que as actuais, pois estas têm no fuelóleo a principal fonte de energia. O hidrogénio, que muitos prevêem venha a ser o combustível do futuro, será produzido, como é evidente, recorrendo-se às reservas de água, quase ilimitadas, do nosso planeta.

Outros factores económicos de elevadíssima importância são os representados pela indústria da extracção do sal e pela pesca, através da qual o homem obtém enormes quantidades de alimentos de que lhe não seria possível prescindir.

Para a produção de electricidade, energia fundamental dos tempos correntes, também o homem recorre, em grande parte, à água, isto por meio da construção de grandes barragens nos cursos de água e através doutros aproveitamentos hidro-eléctricos, que são uma das características da paisagem da época actual. A água é aqui, uma vez mais, importante factor de produção de riqueza.

A agricultura, o maior consumidor de água

A actividade agrícola é a maior consumidora de água doce, pois cerca de oitenta por cento das quantidades disponíveis lhe são destinadas. Daí, os grandes aproveitamentos hídricos para a irrigação de extensas áreas destinadas à agricultura.

As grandes aglomerações de animais e de plantas, para sobreviverem, carecem de água em grande quantidade. E a influência deste nobre elemento é tão importante na organização da sociedade que um dos sinais que caracterizam os chamados países pobres é a insuficiência das chuvas, que impede uma rega capaz das culturas, condenando os habitantes à fome e essas regiões ao despovoamento, como acontece no Sahel, no norte de África. É certo que os países ricos também se debatem com a falta de água potável, mas isso deve-se, em grande parte, à poluição das reservas existentes, originada pela actividade industrial.

Para se ter uma ideia do consumo de água na agricultura, observemos que 1 kg de cevada, ao ser consumido, exigiu cerca de 425 litros deste líquido vital. A mesma quantidade de arroz precisa de 2000 litros e os outros cereais cerca de 1000 litros. Prevê-se que, em 1985, a procura de cereais em todo o mundo atinja a assustadora cifra de 1725 biliões de toneladas! Não hão-de os responsáveis estar preocupados com o problema de terem de dar uma resposta conveniente às necessidades alimentares da população do globo?

As águas como vias de comunicação

Outra importante utilização do elemento líquido vem sendo feita desde a Pré-história. Já em recuados tempos, o engenho humano permitiu que, com o uso de jangadas e, mais tarde, de embarcações rudimentares, as águas servissem de via de comunicação. Essas primitivas vias foram certamente apenas os cursos de água interiores. Em terra, os caminhos, quando existiam, eram péssimos e perigosos.

Todavia, ainda nos dias de hoje, certos rios são importantes vias de comunicação, por onde passam anualmente milhões e milhões de toneladas de mercadorias e também, embora em escala imensamente menor, numerosos passageiros. Na Europa, nos rios Reno, Elba, Óder, Danúbio, Volga, Don, Ródano, Vístula, Mosa, Sena e Escalda, entre outros, escoa-se intenso tráfego, aumentado ainda graças à construção de canais, que ainda mais valorizam economicamente aqueles cursos de água.

Nos outros continentes, embora em nível muito inferior ao da Europa, os rios e os lagos desempenham, ainda assim, papel de certo merecimento, como sejam os Grandes Lagos, o Ohio e o Mississipi, na

Continua na pág. 9



O GALO

Um galo!... Os olhos de Lewis ficaram cheios de assombro. Seria possível? Era verdade; ali, para lá dos arames farpados, dono e senhor da «terra de ninguém» estava um formoso galo. Um galo magnífico, de penas douradas, movia graciosamente a cabeça, ora para um lado, ora para o outro, como se estivesse a escutar...

Depois duma noite passada em contínua escaramuça, com «os da frente», as primeiras luzes do dia tinham trazido um pouco de calma, que se espreguiçava no ar tranquilo da manhã, qual símbolo doutros tempos melhores. O soldado Lewis, saiu da trincheira para respirar aquele ar puro que dilatava o coração, enchendo-o de belas promessas. Foi neste momento que ele viu um galo.

Para a direita, no sítio da povoação, divisavam-se umas ruínas fumegantes. «Aquilo» não podia ter vindo doutro lado. Sem dúvida que era ele o único sobrevivente.

Rapidamente, entrou na trincheira.

— Eh! Bruzos! Acorda! lá fora está um galo!

— Eh!... que dizes? Um galo? Isso quer dizer comida! Boa comida! Oh!...

Saíram. Lewis levava na mão um bom bocado de pão valentemente socrificado à sua ração. Entre os dedos índice e polegar, começaram a fazer umas bolinhas com o miolo.

Às galinhas dizia-se pia, pia, pia... e a este convinha dizer, pio, pio, pio... E com o mais doce dos seus vozeirões, Bruzos começou:

— Pio, pio... anda cá... toma uns miolinhos... pio, pio...

O galo aproximava-se muito graciosamente, sem deixar de mover a cabeça dum lado para o outro. Às vezes, conservava uma das patas no ar, sem se resolver a poisá-la no chão, o que fazia perder a paciência a Bruzos.

— Pio, pio... meu pequenino... toma miolinhos!...

O galo já depenicava os bocadinhos do miolo do pão, que estavam mais perto dele e estendia o pescoço para apanhar os que estavam mais longe; numa destas ocasiões... zás!

Bateu as asas e cacarejou durante uns momentos, mas logo, em face do inevitável, o galo calou-se filosoficamente. A voz de Bruzos tremeu com emoção.

— Temos que o atar, Lewis! Bem seguro para que não fuja.

Amarraram-no, conscienciosamente, pelas patas, a um pau entalado entre uns sacos cheios de terra, e entraram na trincheira. Tinham tanto que fazer!... Primeiro, acender uma fogueira e pôs sobre as chamas aquela lata de conservas já vazia, bem cheia de água. Enquanto Lewis se ocupava destas coisas e Bruzos, sentado no chão, afiava, mais e melhor, a sua navalha, numa pedra, um potente *quiqueriqui*! veio interrompê-los.

Lewis, deitou a cabeça fora da trincheira. O galo cantava. Cantava, e o seu canto abafou por uns momentos o matraquear antipático duma metralhadora longínquo.

— Quiqueriqui.

As notas elevavam-se claras, altas, límpidas, na paz mentida da manhã. Rodavam umas atrás das outras pelos prados em flor; chegavam até às montanhas azuis e o eco devolvia-as de muito ao longe, amortecidas...

— Bruzos... (Lewis tinha a voz um pouco enrouquecida), não te recorda qualquer coisa, tudo isto?

Bruzos, com o cotovelo do braço esquerdo apoiado no joelho e o queixo na palma da mão, fez um sinal afirmativo.

— Sim, claro que sim. Há muito muito tempo... na minha casa, os galos cantavam assim: sobretudo em manhãs como esta.

Lewis voltou-se lentamente, tirou a água do lume, e pausadamente, começou a encher de tabaco o seu cachimbo... Bruzos, fechou a navalha que tinha deixado a um lado e com tremores infantis na voz, disse:

— Temos que ir pensando em fazer uma capoeira. Oh! vai ser uma mascote original!...

Lá fora, o galo, preso à corda, continuava a cantar, a cantar... ignorante de que desta vez, ele próprio tinha salvo a vida.

Loreto Azpeitia

O único homem que merece verdadeiramente o qualitativo de «bom», é aquele que faz o bem por amor e não por dever nem por recompensa.

JOHN A. MACKAY



HONDURAS

Após o furacão Fifi que devastou o noroeste deste país, os dirigentes escotistas nacionais e interamericanos organizaram um ambicioso plano para ser levado a cabo pelos escoteiros, integrado nas operações de reconstrução. Uma das tarefas mais importantes foi a abertura de uma série de estúdios onde os escoteiros podiam aprender construção civil e outras técnicas necessárias para a reconstrução. O Fundo Escotista U e numerosas associações nacionais contribuíram para este projecto. Num relatório da Associação Escotista das Honduras lê-se que os diplomados nos estúdios de formação serão em breve 500, os quais receberão formação complementar prática nas zonas em reconstrução.

CANADÁ

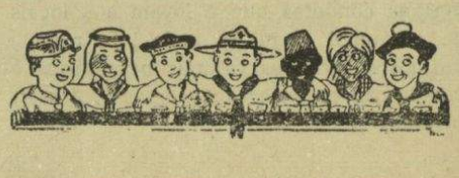
O *Lions Club* de Burlington-Nelson, em Ontário, criou uma bolsa de estudo de 650 dólares canadianos, para custear o primeiro ano na universidade, a favor de jovens da região que sejam ou tenham sido escoteiros. Um conselho formado por membros do *Lions Club* e do conselho escotista daquela localidade seleccionarão os bolseiros.

COREIA

Os 2180 participantes no 3.° acampamento nacional de caminheiros consagraram dois dias a projectos de desenvolvimento comunitário. Alargaram uma estrada num lance de 1,6 km, fixaram nas árvores insígnias de protecção da natureza e limparam um regato.

SUÉCIA

Uma delegação de 40 membros do Conselho de Guias (Escoteiras) e Escoteiros sueco visitou o Sri Lanka (Ceilão) a fim de preparar um plano conjunto com as guias e os escoteiros de Sri Lanka. Visitaram centros escotistas rurais e discutiram os meios pelos quais o auxílio sueco poderia patrocinar os planos escotistas de desenvolvimento comunitário naquele país.



O ESCOTISMO NA AZAMBUJA

O Grupo N.º 27 (AEP) volta à actividade

Chegam de novo notícias dos Escoteiros de Portugal na Azambuja. Esta unidade vai realizar o seu 1.º Grande Concurso de Fotografia, para o qual convida todos os Escoteiros, que podem participar com fotografias a preto e branco ou a cores, de qualquer formato, sobre os seguintes temas: Escotismo, Natureza e Mundo Animal.

O concurso será realizado a nível de grupos de escoteiros (ou escutas). O prazo para entrega das fotografias termina em 15 de Julho próximo.

Haverá prémios para as 10 melhores fotografias e lembranças para todos os participantes.

Acampamento

Para comemorar o aniversário do Grupo 27, a unidade da Azambuja vai promover um acampamento que se realizará nos dias 30 e 31 de Julho próximo. Para este acampamento são convidados todos os grupos, solicitando-se que comuniquem a sua adesão à actividade até 22 daquele mês, indicando o número de participantes.

Vamos divulgar «Sempre Pronto»!

Os serviços administrativos do nosso jornal estão a passar por uma necessária reorganização. Registam-se muitas deficiências: assinantes que pagam mas não recebem o jornal; por outro lado, outros que não têm pago recebem-no assiduamente e, até, aqueles que recebem dois exemplares. Esperamos em breve que todo o serviço esteja organizado, entretanto, pedimos a todos os nossos Assinantes que nos ajudem, indicando-nos lacunas e deficiências que registem.

Mais assinantes

«Sempre Pronto» ainda não conseguiu compensar a perda dos assinantes de Angola e Moçambique. Precisamos, por isso, de obter novas assinaturas. Estamos a desenvolver uma grande campanha de divulgação, estando presentemente o jornal a ser vendido em todo o país. Mas é necessário ir mais além, conseguindo assinantes interessados nesta obra de educação.

Lançamos pois um apelo aos Leitores para que cooperem nesta iniciativa e nos enviem assinaturas dos seus amigos. Sobretudo, gostaríamos que os assinantes isolados em localidades de Província, conquistassem novos leitores na sua terra.

Um aviso a todas as unidades escoteiras

«Sempre Pronto» publicará noticiário de actividades e iniciativas escoteiras promovidas por agrupamentos das Guias, Escutas e Escoteiros, no mesmo nível de igualdade. O relevo dado ao noticiário depende em primeiro lugar do interesse e desenvolvimento da actividade; depois do número de leitores empenhados na mesma. Mas, para que este noticiário seja possível, é indispensável que os Grupos nos remetam as respectivas comunicações.

O jornal está ao serviço do Escotismo, de qualquer associação, mas só servirá os agrupamentos que estejam prontos a colaborar.

O primeiro cuidado: Corrigir a linguagem

Em certa ocasião, perguntaram ao grande pensador chinês Confúncio que é que ele faria em primeiro lugar se fosse governar um país.

O sábio respondeu:

— Seria, evidentemente, corrigir a linguagem.

Surpreendidos, os seus interlocutores perguntaram-lhe porquê, ao que o célebre filósofo respondeu:

— Se a linguagem não for correcta, o que se diz não é o que se pretende dizer; se o que se diz não é o que se pretende dizer, o que deve ser feito deixa de ser feito; se o que deve ser feito deixa de ser feito, a moral e as artes decaem e a Justiça desbarata-se; se a Justiça se desbarata, as pessoas ficam entregues ao desespero e à confusão. Não pode, por isso, haver arbitrariedade no que se diz. É isso o que importa acima de tudo.

(Adapt. de *Folha da Tarde*, S. Paulo).

O perigo dos solventes e diluentes

Existe no mercado uma grande quantidade de produtos para uso industrial, profissional e doméstico, destinados a remover e dissolver tintas, óleos, ceras, resinas, além de outros usados como adesivos e colas.

Sabe-se que algumas substâncias presentes em tais produtos, embora óptimas como solventes, também são muito nocivas para a saúde de quem as utiliza.

Além da possibilidade de ingestão acidental, há que levantar a hipótese de inalação de vapores dessas substâncias.

Encontramos na literatura referências gerais sobre a composição de tais produtos comerciais, que são sempre misturas de vários componentes e cujo perigo depende do grau de toxicidade e da percentagem dos componentes tóxicos presentes. Além disso, não se deve esquecer os riscos de incêndio ou explosão.

Das substâncias normalmente presentes nos produtos acima citados, damos particular atenção ao benzeno e tolueno, uma vez que possuem boas qualidades de solventes, mas acarretam, por outro lado, grandes prejuízos para a saúde.

Por este motivo, a nossa preocupação deve ser a de identificar e dosear alguns desses produtos perigosos.

O método usado para identificação e dosagem dos componentes do benzeno e do tolueno é a cromatografia do gás.

No entanto, através de experiências já levadas o efeito, observou-se que a maior parte dos produtos existentes no comércio contém substâncias nocivas para a saúde e em concentrações que tornam o seu emprego potencialmente perigoso, seja no uso industrial, profissional ou doméstico.

C. de P. S.

Raul Lino, a árvore... e eu

É tudo o gesto? / e o resto?

Foi há anos, mas parece-me que foi ontem. Lia eu sempre o «Diário de Notícias» que o povo mantinha em directo, e lia os editoriais, notáveis em vários sentidos, ora do Rocha Martins («fala o Rocha!» apregoavam pelas ruas os ardinas); ora de Humberto Delgado, de Augusto de Castro, de Raul Lino: cada cor deles com seu paladar, mas sempre sabendo bem. Era português limpo e cintilante, ainda demarcado do calão.

Paremos por um instante ao ler cada nome, representante de diferente tipo humano, todos criaturas de Deus a Quem já deram contas — e nós ainda as fazemos. A História, só vagarosa — e imperfeitamente — os irá julgando.

Sorria eu com as entrelinhas do Rocha; os entusiasmos «dancófilos» do general Delgado, donde se tiravam ilações tristes pensando no nosso «habitat»; o estilo escorreito, de pura arte, de Augusto de Castro e de Raul Lino, aquele mais francês e este puramente e altamente português.

Um dia, em um dos editoriais tão apreciados, queixou-se da frase então muito repetida: «o gesto é tudo; o resto é paisagem». Pois quê?! Merecia esse desdém a paisagem, a nossa, na qual se enquadra a «Casa Portuguesa» de que ele foi o primacial cronista e o último arquitecto; a paisagem onde avulta a *Árvore* amiga do *Homem*, que o acompanha do berço à cova, ou frágil e de pouca dura, como nós, mas dando-nos fruto e sombra, ou desafiando os séculos, como herança gentil de gerações passadas, tais como os carvalhos e azinheiras?

Não haveria poetas em Portugal que as cantassem?

Publicara eu recentemente, sob pseudónimo, para que não fosse logo de começo posto de lado, neste «pátio de senhoras vizinhas» um livro intitulado «Campos de Concentração» (que se esgotou, o que é pasmoso, mesmo com as ofertas), e aí atrevera-me a cantar a árvore. Poeta eu era? Não sei ainda, mas fiz versos. Antigamente, antes da aura bem merecida, Gomes Leal foi conhecido pela prisão. Depois Junqueiro foi processado. Antes por insultos; só depois pela beleza. É assim...

E como cantei as árvores, que amo, enviei um exemplar a Raul Lino, com bem sincera dedicatória, onde me desculpava!

Assim se estabeleceram as nossas relações de «amigos», como ficou entendido. Guardo preciosa correspondência e um trabalho original que merecerá publicidade quando se restabelecer a cultura portuguesa.

Com vossa licença aqui vão alguns versos que indiquei a Raul Lino:

Na montanha,
na neve que em luz se banha
e desde a aurora rebrilha,
tudo é festa.
E na floresta
cada milha é maravilha,
cada canto é um encanto;
cada árvore viceja
para que o mundo a reveja,
gozando, toda «coquete»,
a neve que o sol derrete
lá nos altos,
e pela vertente, aos saltos
desce, imagem da alegria.
Como vive a vida inteira
de centos e centos de anos,
prazenteira,
sobranceira
à florinha de um só dia,
à plantazinha rasteira
cujos dias são enganos!
Eu amo a planta que nasceu só ontem
e a menor brisa faz estremecer,
e o roble austero, de cerne duro,
de alburno rijo, líber seguro,
que são emblemas reais do ser.
Aquela árvore a cuja sombra
eu costumava sentar-me outrora,
acaso, velha, me viu nascer?
Pois quando eu, velho, me for embora
ainda jovem ela há-de ser!

★

Pois é assim. Já se passaram 18 anos. Tinha 73: mocidade!

EDUARDO MOREIRA



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

No centenário de Baden-Powell

Em primeiro lugar, quero dizer por que razão escolhi a David para objecto do nosso estudo neste dia em que comemoramos o centenário de Baden-Powell, portanto o Dia do Escoteiro. David foi um jovem — se pudesse diria que foi um verdadeiro escoteiro — com quem os demais teriam muito que aprender (...). David era homem corajoso, inteligente, sábio no falar, de aspecto agradável e gozava da companhia do Senhor.

(...) Apresentando alguns aspectos do carácter de David, julguei assim realçar a compreensão de Lorde Baden-Powell, que desejou ter em cada escoteiro, ou, diríamos melhor, em cada jovem um ideal de fé, de altruísmo, de patriotismo e de prontidão para o trabalho em prol do bem. Relembrando os feitos heróicos de David, desejava frisar o facto de Lorde Baden-Powell ter visto em cada jovem um David em embrião, pronto para servir, desejoso de auxiliar a pátria afrontada, cioso de fazer cumprir ele próprio as Leis de Deus. E se, como disse Rui Barbosa, *só há uma glória que é a de ser bom sem fatuidade ou soberba*, essa glória teve-a Lorde Baden-Powell, pois, como bom soldado de Cristo, procurou fazer o bem pelo prazer de ser bom e auxiliar, contribuindo assim para o bem-estar de milhões de rapazes e raparigas. De Lorde Baden-Powell, escreveu Mrs. Mark Kerr: *Quando o nosso Chefe e fundador morreu em Janeiro de 1941, deixou atrás de si não somente uma memória inspiradora mas uma influência viva na vida de rapazes e meninas que foram auxiliados por ele.* Sem ofensa nenhuma ao carácter de David, poderíamos dizer que Lorde Baden-Powell foi no seu século um homem adoptado por Deus para trazer emancipação moral e física a milhares e milhares de crianças, como David nos seus dias foi também adoptado divinamente para libertar a Israel.

Notamos pela leitura dos escritos de Baden-Powell e estudos feitos em sua vida que ele deu ênfase à alegria de viver. Desejou que cada jovem sentisse o que ele sentia em seu coração para com a natureza exuberante, para com os seus semelhantes e para com Deus. Nessa disposição para com a beleza deste mundo eu o vejo muito próximo de David.

A máxima da sua vida era aquela que, mais tarde, Constâncio Vigil colocou nesta expressão: *Hoje melhor que ontem; amanhã melhor que hoje.* Dele poder-se-á dizer: *Estremeceu a pátria, viveu no trabalho e não perdeu o ideal.*

Dr. Gerson de Azevedo Meyer

PÁGINA DO ESCOTEIRO



O CANTINHO DO ESCOTEIRO

FALANDO COM OS G.-P. (*)

Alguns aspectos gerais das funções



Desta vez, resolvi falar mais directamente com os G.-P. Vós sois os rapazes que, de entre os vossos companheiros, fostes *escolhidos* por eles para coordenadores dos trabalhos na Patrulha e, em conjunto com os outros G.-P. da vossa TRIBO de ESCOTEIROS, serdes os programadores das actividades conjuntas da Tribo, neste caso, sob a coordenação do vosso ESC. — CHEFE DE TRIBO.

Por isso, embora vós sejais rapazes como os vossos companheiros, tendes um pouco mais de responsabilidade do que eles: tendes que realizar as vossas próprias tarefas e, para além disso, tendes de coordenar o que os outros fazem, para que o *programa* estabelecido se cumpra e o *avanço* se efective; tendes de dar o *exemplo* na execução das tarefas e no avanço dos vossos conhecimentos por forma a continuardes mantendo a confiança daqueles que vos *escolheram*.

Não podeis deixar que essa escolha seja por eles considerada mal feita; isso causar-lhes-ia, acreditai, contrariedades, arrependimentos e descrença no crédito que depositaram nas vossas capacidades.

O avanço

Uma das bases fundamentais do Escotismo é a de proporcionar a cada um dos escoteiros o ensejo para *avançar*, estimulando a natural tendência que existe no ser humano para se aperfeiçoar e procurar fazer o melhor que pode, isto quando não se produzem distorções educativas.

Por isso, o ESQUEMA DE PROGRESSO através do SISTEMA DE INSÍGNIAS é uma das características fundamentais e indispensáveis do Escotismo.

Com ele, os escoteiros vão obtendo mais conhecimentos para, com base numa competência e capacidade de execução acrescidas, serem mais capazes de se desembaraçar das tarefas que têm de realizar: primeiro como escoteiros, depois como elementos de uma Patrulha ou de uma Tribo ou de um Grupo; simultaneamente como estudantes e depois como homens, componentes duma sociedade humana onde terão de exercer as suas actividades por forma a bem conseguir atingir os *objectivos* das suas tarefas de uma maneira harmoniosa, tanto para si próprios, como para as empresas onde trabalhem, como ainda, para a comunidade onde vivem, de uma maneira útil para os outros.

Neste aspecto de exercitar e desenvolver as capacidades de acção e de realização de tarefas, o desempenho das funções de G.-P. é uma esplêndida oportunidade para vós, G.-P., procurardes desenvolver as vossas aptidões. Uma delas, de entre as muitas que poderia referir, é a que se liga à organização e sistematização dos trabalhos da Patrulha e sua programação, administração e arquivo de elementos, convenientemente feitos.

Uma das maneiras de tornar mais efectiva e eficiente o ordenamento e a administração de uma Patrulha, é a de organizar o seu *Caderno de Patrulha*.

★

Principalmente para os mais jovens escoteiros e G.-P., daremos no próximo número de «S. P.» algumas ideias sobre a organização do Caderno de Patrulha.

Leão da Selva

(*) G.-P. *será a abreviatura que normalmente utilizaremos para nos referirmos aos Guias de Patrulha de ESCOTEIROS* (11 a 16 anos de idade).

A MINHA VARA...



Como lembro com saudade aquela Companheira Amiga! Perdoem-me os mais novos por vir aqui contar a sua história:

Quando prestei o compromisso de honra no Grupo 7, o chefe de então, José Rodrigues, ao fazer-me escoteiro naquela inesquecível cerimónia, entregou-me a minha Vara, dizendo-me:

— Faz parte do uniforme.

Desde esse momento, não mais a larguei. Morava nesse tempo num rincão da cidade chamado Chelas. Uma vez por semana, salvo erro às quartas-feiras, reuníamo-nos na sede, na Rua de Luciano Cordeiro, sempre uniformizados. Para isso, eu tinha de passar por uma comprida azinhaga, a Rua do Sol, bastante deserta e sem iluminação. Era então a minha vara que me encorajava, pelo que nunca faltei às reuniões.

Comecei a gravar nela os principais acontecimentos e peripécias da minha carreira: a data do Compromisso, nomeações, acampamentos e outras coisas. Ali fui registando a minha história no escotismo. Com ela, jogava ao pau, desenvolvendo assim os músculos, fazia pontes, mesas, vedações. Eram tantas, tantas as utilidades e serviços que me prestava que eu adorava aquela Vara.

Mas um dia ou, melhor, uma madrugada, ouvi as sereias dos bombeiros. Fogo! Levantei-me logo e uniformizei-me e, com a minha inseparável companheira que dormia a meus pés, corri para o local do sinistro. Era bem perto da minha residência: havia incêndio na fábrica da pólvora!

Apresentei-me ao comandante dos bombeiros, o qual, quase sem eu esperar, arrancou-me das mãos a minha Vara, atou-lhe ao meio uma espia e atirou-a de imediato contra uma janela do primeiro andar da fábrica, onde a vi entrar, depois de, com a sua robustez, estilhaçar os vidros, levando agarrada a espia. E como ela se colocou de tal maneira que, logo a seguir, um bombeiro pôde trepar pela espia e entrar rapidamente naquela dependência!

Na confusão de espalhar mangueiras e de lutar contra o incêndio, quase me esqueci de a salvar. Quando regressei ao local, só encontrei a espia com a ponta queimada. A minha Vara estava desfeita, em cinzas! Sem querer, confesso, as lágrimas chegaram-me aos olhos.

E hoje penso que teria sido por involuntariamente a ter deixado arder que já não a vejo nas mãos dos escoteiros....

ÁGUIA BRANCA

VAMOS CONSTRUIR INSTRUMENTOS?



Neste primeiro trabalho iremos focar alguns aspectos relacionados com educação musical e a construção de instrumentos.

Nas escolas e liceus, a iniciação musical tem-se reduzido à prática de algumas canções infantis, entoadas a não sei quan-

Continua na página 8

PÁGINA DO ESCOTEIRO

Continuação da página 7

tas vozes e repetidas constantemente, até estarem «bem afinadas».

Esta realidade não se deve somente às exigências de um ensino ultrapassado ou à má formação do professor. Vivemos hoje num mundo em que a imagem fala mais alto que o som. São os anúncios luminosos e toda a publicidade que nos entra em casa ou nos assalta nas ruas.

Mas é preciso reagir contra isso!

É importante estar atento a todos os sons, descobri-los e identificá-los, e até produzir e criar melodias com sons por nós explorados.

O jardim, a rua, com os ruídos dos carros e os pregões, o trabalhar de uma fábrica, são situações que produzem sons que poderás identificar.

As matas e o campo, com os seus animais e o seu trabalho, o canto das aves, os insectos, o vento na folhagem das árvores, os tractores e os ruídos de uma aldeia têm também uma riqueza de sons que tu, que gostas do campo, podes descobrir.

Depois da descoberta e exploração de alguns sons, poderás improvisar e criar jogos em que entrem todos esses sons que descobriste.

E é aqui que poderás sentir a necessidade de alguns instrumentos que te auxiliem nesses jogos.

Mas não vamos pensar num piano ou num violino! Há muitos instrumentos (tantos quantos tu queiras!) que tu próprio poderás fazer.

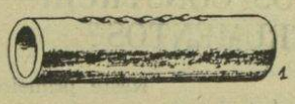
Garrafas ou paus, calhaus da praia, canas, e tantas outras coisas, poderão ser utilizados na construção de instrumentos.

Hoje, deixo-te ficar duas ideias: um RECO-RECO e um MEMBRAFONE (cujo som produzido resulta duma membrana que vibra), que são instrumentos construídos com canas que poderás encontrar no campo.

1 — RECO-RECO

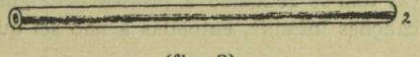
Precisas de uma cana grossa sem nós com cerca de 25 cm, e um pau fino e comprido.

Pega na cana e, com uma lixa, lima, serrote ou canivete, faz algumas ranhuras num dos seus lados (fig. 1):



(fig. 1)

Depois não tens mais que lixar o pau que vai servir de baqueta (fig. 2).



(fig. 2)

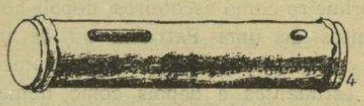
e pronto! Passa o pau pela cana e verás o teu «reco-reco» a funcionar!

2 — MEMBRAFONE

Tens de arranjar uma cana e um bocado de papel vegetal.

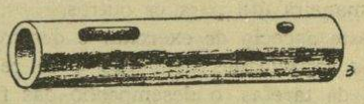
Faz em primeiro lugar um furo num dos lados da cana e outro, mais largo, na outra extremidade (fig. 3).

Assim:



(fig. 3)

Depois, faz dois círculos de papel um pouco maiores que o diâmetro da cana e, com dois elásticos ou cordel, coloca-os nas extremidades da cana (fig. 4):



(fig. 4)

E pronto!

Pega no teu membrafone, coloca a boca junto ao buraco maior e ouvirás o som sair pelas membranas de papel, vibrando de uma forma muito original!

Experimenta fazer estes dois instrumentos e até outros que tu descubras.

Escreve-nos a dizer como fizeste e os resultados obtidos!

Mãos à obra!

Isa Marques

BOM-HUMOR ESCOTISTA

As coisas que aprendi no campo



... Se fervo a minha bóina, ela fica azul mais claro...

... Ovos fervidos durante duas horas, são ovos indestrutíveis...

... A algibeira de trás dos calções não é o sítio indicado para trazer um tomate ou um ovo cru...

... Se como carvão, a minha boca fica negra...

... Café no guisado não faz nem bom guisado, nem bom café...

... Um lápis de tinta torna o teu uniforme da cor de violeta, quando chove...

... Se deixo o meu calçado fora da tenda e se chove, ele encher-se-á de água...

... Se viro à direita, quando devia voltar à esquerda, é claro que não chegarei ao local indicado...

... O caminho mais curto para ir de um local para outro é por uma estrada alcatroada...

(De *World Scouting Newsletter*, que o recolheu de um boletim de um grupo de escoteiros).



«SEMPRE PRONTO» E OS SEUS AMIGOS

Mais dois testemunhos do agrado com que foi acolhida a decisão dos responsáveis de *Sempre Pronto* ao terem aceite o apoio que a ACM espontaneamente ofereceu.

O sr. P.e Casimiro, digno chefe do Grupo 77, de Moura, exprime a sua opinião, dizendo que *graças ao sr. J. Eduardo Pena Ribeiro, continuou a edição de* Sempre Pronto. *A revista é realmente a alma da Associação e, por isso, não pode acabar sem perigo de «agonizar» a própria Associação. Bem hajam!*

O nosso bom amigo, e um dos mais fortes sustentáculos deste jornal, o EC Jacinto dos Reis Moniz Silva, nosso delegado em Angra do Heroísmo, não esconde a alegria que sentiu quando soube que o *Sempre Pronto* mais uma vez tinha sobrevivido à crise que o ameaçava. Diz este dedicado escoteiro: *Sexta-feira à tarde, ao regressar a casa, encontrei o número de Janeiro-Fevereiro de 1977 de* Sempre Pronto, *o que constituiu uma muito agradável e quase inesperada surpresa!*

Sinto-me feliz por ter sido possível encontrar uma solução condigna para Sempre Pronto, *pois a minha surpresa na verdade não foi completamente «inesperada», porque sempre tive esperança — embora sem saber o que seria — de que se conseguisse ultrapassar tão grande obstáculo!*

Um abraço para ti e todos os teus colaboradores! Uma saudação muito especial para o José Eduardo! Estamos todos de parabéns!

A amizade que o escotismo deve cimentar em todos os que, um dia, se decidiram por entrar nas fileiras deste movimento, dá-nos muitas vezes destas alegrias. Obrigados a estes dois prezados amigos e dedicados camaradas escoteiros.

A origem do basquetebol

«Assim, associar-me-ei ao coro invisível, cuja música é a alegria do mundo»

Por nos parecer de muito interesse, transcrevemos esta interessante narrativa de como nasceu o popular desporto na cidade de Springfield, no Colégio da Associação Cristã da Mocidade, no Massachussetts. Em Portugal também foi a ACM que introduziu o Basquetebol.

O período de treino para o grupo secretarial do colégio, nunca fora problema. Era assim nos anos 91 no tempo em que o Dr. Gulick era o director do curso de Educação Física, em Springfield.

Quando terminou a época do futebol, os únicos jogos que se praticavam eram os de salão, tais como *Three-deep* e *Prisoner's Base*.

Foram feitos esforços infrutíferos para se conseguir transformar o «rugby», o futebol *association* e o ténis em jogos de salão.

Jim Naismith, licenciado em McGill, veio a Springfield para treinar e tornar-se o director de educação física. Passava o seu tempo a ensinar psicologia ao grupo secretarial. Sugeria mais jogos e menos trabalhos aparatosos como solução do problema da classe secretarial. O Dr. Gulick, aproveitou essa sugestão, pedindo a Jim para assumir a responsabilidade da classe e este, por sua vez, procurou conseguir o melhor êxito com as suas sugestões. Esforçou-se no sentido de apresentar um jogo que tivesse as mesmas características do futebol (a maioria do grupo secretarial fez parte da equipa e jogou futebol no Outono) e que, além disso, pudesse ser adaptado a jogo de salão. O jogo teria de ser como o futebol, com a eliminação das imperfeições. Correr com a bola necessitava de placagem. Naismith, esclareceu que, com esta eliminação, muitas das imperfeições poderiam ser retiradas do jogo. Caso fosse necessário usar balizas, um dos jogadores, estando em qualquer ponto da sala, poderia facilmente meter o golo. Para evitar isso, pensou primeiro em marcar no chão um círculo ou quadrado, fazendo com que a bola acertasse no alvo, mas chegou à conclusão de que, estando os jogadores à volta ou dentro do círculo, poderiam facilmente evitar com êxito os golos. Pensou então que, se se transformasse este círculo num arco e se se o levantasse acima da altura dos jogadores, para que a bola pudesse passar através do mesmo, poderia eliminar os guarda-redes e, assim, muitos dos problemas do futebol de salão seriam corrigidos.

Naismith pediu então ao porteiro para lhe arranjar duas caixas de 18 polegadas quadradas, mas foi informado de que não existiam tais caixas no armazém, mas sim dois cestos de pêssegos. Estes cestos pareciam servir ao fim em vista e, portanto, foram amarrados ao corrimão da galeria à volta do ginásio. Aconteceu que este corrimão estava a 10 pés de altura e assim os cestos foram colocados a essa altura, na qual ainda se mantêm.

Ao princípio, a bola era colocada no centro e a equipa corria para ela como se fosse no hóquei. Mais tarde, os jogadores que ocupavam a parte lateral atiravam a bola para o centro mas, finalmente, optou-se por jogar a bola para cima, o que era feito por um árbitro que ficava entre dois jogadores das equipas em jogo no centro do salão. Naismith, tentou apresentar, com timidez, este novo jogo, ao grupo secretarial. A classe secretarial era constituída por dezoito homens; assim, o primeiro jogo tinha nove jogadores de cada lado. Cada equipa era efectivamente constituída por nove jogadores nos primeiros tempos da história do basquetebol. O jogo tornou-se logo popular e a classe secretarial não queria outro que não fosse o novo jogo de Naismith. Resolveram dar-lhe o nome de *Naismithball*, mas o modesto Jim disse: *Nada feito.* Porque os cestos de pêssegos faziam parte do equipamento, foi, finalmente, escolhido o nome «basketball» (1).

O interesse pelo jogo espalhou-se rapidamente. As raparigas começaram a jogá-lo. Quando, na Primavera, os alunos terminaram o curso e se dispersaram por várias partes da cidade, o novo jogo espalhou-se e muito depressa se tornou um alvo nacional.

Hoje, quarenta anos depois da sua invenção (2), tem sido, sem dúvida, o jogo de salão mais popular e é jogado em todos as nações do mundo. Cada escola, em cidades pequenas e isoladas, tem nos seus parques de recreio os autênticos cestos de pêssegos tal como os que foram pendurados no ginásio do colégio em Springfield e o nosso estudante universitário, Dr. James Naismith, que é hoje director da Educação Física na Universidade de Kansas, contribuiu com um dos maiores e mais saudáveis desportos para a juventude de todo o mundo.

James Naismith tinha planeado entrar para o sacerdócio e, na Universidade de McGill, os seus colegas, oraram por ele, como se fosse uma alma perdida, quando decidiu jogar futebol universitário.

Contudo, verificou-se que no atletismo, teria oportunidade de desenvolver o espírito cristão e decidiu entrar no Colégio de Springfield para se treinar e vir a ser o *leader* de educação física.

Depois de uma longa e produtiva vida nesta actividade, afirmou que, se tivesse de viver de novo, não hesitaria em servir a humanidade da melhor maneira através de ginástica e do atletismo. O Dr. Naismith disse: *Gostaria de deixar o mundo um pouco melhor, dado que vivi nele*, e o basquetebol é o seu memorial.

Aproximadamente cem alunos de Springfield, juntaram-se em Nova Iorque, após o Natal, para lhe prestar honras. Springfield orgulha-se de ter um filho tão notável.

(1) *Basket*, em inglês, significa «cesto».
(2) Springfield, Fevereiro de 1932.

A água, meio de vida essencial

Continuação da pág. 3

América do Norte, o Amazonas e o Rio da Prata, na América do Sul, o Congo, em África, e o Iansequião e o Mekong, na Ásia. Cite-se ainda o valor económico e estratégico dos canais do Panamá e do Suez, o deste um tanto diminuído, após os anos de interrupção de tráfego em resultado da Guerra dos Seis Dias.

O interesse económico das águas, que, com o que dissemos, já seria incomensurável, não fica por aqui. Também os oceanos e os grandes mares assumiram uma posição ímpar no tráfego de passageiros (agora em nítido decréscimo, em face da concorrência da aviação) e, muito em especial, de mercadorias, fortemente acentuado desde que os navios passaram a ser propulsionados por motores.

As grandes linhas de navegação: Europa-América do Norte; Europa-América do Sul; Europa-Oriente; ao longo das costas africanas; no Mediterrâneo e no Báltico, são de vital importância para o abastecimento das populações. Sem essas linhas de navegação, grande parte das matérias-primas, dos produtos industriais e agrícolas e maquinarias não poderiam chegar aos seus destinos.

Esta relação dos impressionantes serviços que a água presta à organização da sociedade humana permite que alcancemos uma percepção capaz acerca do enorme interesse que ela tem para a manutenção de um razoável nível de vida e das razões que impõem que todos nos esforcemos não só para não a desperdiçar, como também para a conservar, quanto possível, isenta de sujidades e de contaminações.

J. R.



15 — **Mocidade Portuguesa,** por Lopes Arriaga. Edição Terra Livre. 1976. 194 págs. Ilustr.

Subintitula-se o volume «Breve história de uma organização salazarista», o que de entrada dá o tom, embora não se possa afirmar tratar-se de obra com intenções tendenciosas.

Trata-se efectivamente da história da M. P., instituição bem conhecida de todos os Portugueses, em especial dos que foram jovens desde 1936 e tiveram de ingressar nos seus quadros por força da Lei. Quem viveu esses anos longínquos (e paradoxalmente tão próximos) e teve oportunidade de ver e observar de perto a actuação da M. P., sabe muito bem que, se ao princípio ela foi recebida quase em toda a parte com entusiasmo por muitos jovens ansiosos por saírem do marasmo do dia-a-dia e viverem um ideal que desde o início lhes foi inculcado como destinado «a estimular o desenvolvimento integral da sua capacidade física, a formação do carácter e a devoção à Pátria», nas palavras do Dr. Carneiro Pacheco, então Ministro da Educação Nacional, por outro lado a obrigatoriedade da inscrição nos seus quadros começou a tornar a M. P. antipática, gerando-se por isso «uma reacção instintiva», como disse o Dr. Jacinto Ferreira na antiga Assembleia Nacional, cujo discurso polémico se inclui no volume (págs. 152-167).

De resto, a ideia da criação da organização surgiu no espírito do citado Ministro da Educação Nacional, inspirada, ao que parece, pelos movimentos juvenis então na sua hora alta, na Itália fascista e na Alemanha nazista. Carneiro Pacheco, olhando à sua volta, nada encontrou (supunha ele) que pudesse ter aproveitado para aconselhar aos jovens de Portugal e assim contribuir para realizar essa obra de reaportuguesar a juventude, por lhe parecerem suspeitas as duas organizações já existentes havia muitos anos: a A. E. P. e o C. N. E. E se este último corpo teve a glória de conseguir resistir ao ambiente asfixiante do tempo, a A. E. P. esteve à beira do colapso, e só pela força de alguns abnegados não desapareceu de vez. O referido deputado, no seu discurso já citado, chegou a preconizar que as duas organizações escotistas deviam «ser reconhecidas como de utilidade nacional e gozar das mesmas regalias, para si e para os seus filiados, de que beneficiam os inscritos na organização oficial» (pág. 167), o que nunca se fez, conservando-se as entidades oficiais em atitude de suspicácia para com a A. E. P., enquanto aceitavam o C. N. E. *à contre coeur* pelo facto de este se encontrar apoiado pela Igreja Católica, que, como é bem sabido, era uma das forças de apoio com que o Estado Novo então contava.

De resto — e recordo a indignação de que nesse tempo me senti possuído — um momento houve em que o C. N. da M. P., futuro último Presidente do Conselho do regime caído em 1974, o Prof. Marcelo Caetano, antigo escoteiro da A. E. P., de que foi um dos elementos mais dinâmicos, procurou imprimir à organização que chefiava os princípios (deturpados, entenda-se) e os preceitos do *Scouting* de B.-P., que se encontram em oposição sistemática e decidida com tudo aquilo que represente compulsividade.

Poderia de facto a M. P. ter sido um movimento dinamizador da juventude de Portugal se não assentasse os seus fundamentos num ideário que era, antes de tudo o mais, político, tal como na Itália de Mussolini e na Alemanha de Hitler. Diga-se de passagem que nos países totalitários, ou as organizações escotistas foram substituídas por outras de carácter ferozmente nacionalista (Itália e Alemanha), ou simplesmente dissolvidas e proibidas (U. R. S. S. e Espanha franquista).

Hoje, quando já tantos anos passaram e parece ter chegado o momento de olhar para trás e meditarmos quanto ao caminho percorrido, observando as atitudes de tantos antigos filiados (e alguns entusiastas!) da M. P., alcandorados a posições de representação ou de comando, podemos concluir que o ideário da organização falhou por não ter sido sentido em profundidade pela grande maioria dos jovens que a ela pertenceram e ela não soube atrair com o poder aliciante que noutra época o Escotismo exercera no espírito de tantos moços que hoje se encontram «do outro lado da colina».

Se as críticas do Dr. Jacinto Ferreira nem todas tiveram fundamento, nelas havia muito de pertinente, embora o deputado não chegasse a ir ao fundo da questão.

Não quero concluir esta nótula, longa por demais, sem lamentar que a A. E. P., logo após a extinção da M. P., não quisesse ou não soubesse aproveitar a oportunidade que se lhe oferecia para uma reestruturação que vai tardando e poderia contribuir para que as portas do nosso Movimento se abrissem aos jovens portugueses, que uma ideia errada do que seja Política parece desviar do caminho que a vida lhes abre, enveredando por vias tantas vezes lôbregas, em que a sua juventude se vai descolorindo e os ideais (se os há) vão morrendo irremediavelmente.

Lamenta-se que a capa do volume seja de pronunciado mau gosto, mesmo levando em conta as intenções de ridículo que parece terem presidido à sua factura.

O RATO SÁBIO

Dizer bem para pensar melhor

ESTEJAMOS — TENHAMOS VEJAMOS

Um erro detestável reside no inveterado hábito de se pronunciarem os verbos em epígrafe (e evidentemente alguns outros, quando conjugados também na primeira pessoa do plural do presente do conjuntivo) como se fossem palavras esdrúxulas. Por motivo desse engano, profere-se *estêjamos, têmhamos* e *vêjamos*, o que é muito desagradável ao ouvido e, pior que isso, uma rematada tolice, um autêntico pontapé na gramática.

Como se deve pronunciar essa flexão daqueles verbos? Visto serem palavras graves, têm a tónica na penúltima sílaba, ou seja, respectivamente em JA, NHA, e JA. Por isso, diz-se *estejamos, tenhamos* e *vejamos*, pois rimam, por exemplo com *estamos* e *concordamos*.

Este erro presta-se tanto à ironia que até deu ensejo à criação de uma expressão jocosa. É aquela que o povo vulgarmente emprega, em vez de *vamos a uma suposição*, quando diz: *vamos a um «supônhamos»*, numa clara e ridicularizante alusão a tal calinada.

Defendamo-nos da zombaria dos outros. Que doravante não vejamos estas palavras mal escritas e, sobretudo, não as oiçamos pronunciadas daquela horrenda forma. Enfim, que não tenhamos estado a pregar no deserto...

«AD HOC»

Ad hoc é uma locução latina, que significa *para isso, a propósito, conveniente.*

Todavia, há quem desprevenidamente dê a esta expressão um sentido quase oposto, julgando que significa *ao acaso, ao calha*, o que, evidentemente, é incorrecto.

Por exemplo, quando se diz: *F. foi escolhido para secretário «ad hoc»*, não se refere que F. foi escolhido ao acaso para secretário, mas, pelo contrário, declara-se que F. foi escolhido, entre os presentes, porque reunia as necessárias condições e qualidades para o bom desempenho do lugar. Era a pessoa CONVENIENTE, a INDICADA para o preenchimento dessas funções.

Não contentes com este engano, a ignorância de certas pessoas leva-as ainda a cometer outro desatino. Em vez do já nosso conhecido *ad hoc*, dizem, pura e simplesmente, *à doca*, o que brada aos céus!

Façamos um esforço para que, ao exprimir-nos, não empreguemos as palavras ao acaso, mas, sim, usemos o termo *ad hoc*, ou seja, o apropriado, aquele que efectivamente deve ser empregado. Percebido?

Trabalho de Grupo (1)

por *Adolfo Aristeguieta Gramcko*

A acção educativa do Escotismo inspira-se em dois elementos que são a base de todo o seu programa:

— O Grupo
— O Ar Livre.

É dentro do quadro formado por estes dois elementos que o Escotismo oferece uma educação individual e activa.

A criança e o adolescente são confrontados com uma realidade que determina uma tomada de posição e uma linha de procedimento.

É mesmo a visão da vida que o Escotismo oferece sob a forma de um jogo.

O «ar livre» é a representação da realidade do mundo exterior. Pouco importa que a tónica seja colocada no aspecto físico ou no aspecto social.

Estudo do Grupo

Pouco a pouco, começámos a aperceber-nos de que o grupo desempenhava um papel preponderante no desenvolvimento do indivíduo.

O indivíduo, em primeiro lugar, fazia parte integral do conjunto que lhe dava origem. Mas morria se o separássemos prematuramente daquele conjunto.

Esta separação física pode sobrevir logo após a nascença, mas a ordem natural quer que o homem mantenha durante um período relativamente longo da sua vida laços afectivos e fisiológicos com aqueles que o rodeiam. A criança recém-nascida necessita de toda a atenção e cuidados da mãe. Esta relação é quase imutável, isto é, durante os primeiros anos da existência é difícil substituir a mãe por um outro ser ou objecto.

É justo afirmar que existe, desde a origem, um grupo de dois indivíduos, onde o elemento jovem, a criança, recebe tudo do elemento adulto, a mãe.

Este estreito elo de dependência com o adulto, dispensador de todos os bens: alimentação, segurança, bem-estar, afecto, descanso, vai-se desapertando à medida que o indivíduo cresce e a sua capacidade de prover à satisfação das suas necessidades em aumento. Assim, à medida que vai estando menos ligada à sua mãe, assim a criança vai podendo entrar em contacto com outros elementos adultos. O seu mundo bipessoal extravasa-se então e a criança começa enfim a desenvolver as relações com um grupo mais largo, no qual ela descobre outros indivíduos em diferentes escalões de importância.

Na escola, durante as horas de aula, a mãe pode ser substituída pela professora; quanto à presença doutros camaradas sujeitos a igual regime, isso tende a fazer lembrar à criança o próprio ambiente familiar.

Mais tarde, logo que ela já não só aprendeu a exprimir-se e a comportar-se, mas também, graças ao crescimento, se está aproximando do tipo de adulto, o indivíduo descobre um novo género de grupo, de que os conceitos de «pai» e «mãe» tendem a eliminar-se. É na fase deste novo grupo que o indivíduo ataca a fase final da assimilação do mundo adulto.

Assim se prova que o indivíduo vive sempre em grupo.

(Continua)

(Adaptado de *Training Formation*, publicado pela Secretaria Mundial do Escotismo).

«SEMPRE PRONTO»

ADMINISTRAÇÃO

O nosso «Sempre Pronto» é, sobretudo, um jornal que pertence aos seus Leitores. São eles que ao longo destes 32 anos o têm apoiado e mantido. A independência de um jornal faz-se do facto dos seus Leitores o manterem.

É, por isso, muito agradável que os Assinantes, muitos deles Patrocinadores, estejam a corresponder ao nosso apelo e a remeterem-nos o valor de suas assinaturas. Creiam, Amigos, que é uma prestimosa colaboração que muito agradecemos.

Registamos hoje mais as seguintes remessas dos nossos Amigos, senhores:

Joaquim Tavares Oliveira	100$00
Eduardo A. Pereira Balão, Lisboa	500$00
Rev. Eduardo Moreira, Lisboa	200$00
Vasco António da Silva Antunes, Oeiras	200$00
J. M. Macedo, U. S. A.	192$50
Prof. António Álvaro Dória, Braga	100$00
Afonso Hermano Cardeira Reignosa, Lisboa	100$00
Dr. Fausto Salazar Leite (2 anos), Lisboa	120$00
Hernâni Gomes da Costa, Lisboa	60$00
Sr.ª D. Florinda Ribeiro Nunes, Lisboa	100$00
António Francisco Xavier de Brito, Lisboa	100$00
Amaro João Pereira Barbosa, Lisboa	60$00
Sr.ª D. Jesuína Jerónimo Aurélio, Lisboa	100$00
Coronel Fernando Silva Caetano	100$00

COM AMOR NO CORAÇÃO

Continuação na pág. 1

marca a nossa civilização e pode comprometer, no homem, a vida e o desenvolvimento do espírito.

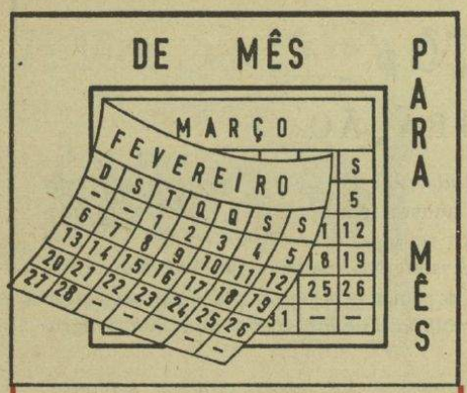
Além desses limites citados, em que somos superiores? Será que a maldade adoçou, dentro do coração dos homens? Será que a maldade deixou de martirizar, será que ela deixou torturar melhor e de matar mais? Lembremo-nos da guerra: — um ódio colectivo que encheu de sangue toda a história da Antiguidade. O homem moderno — esse mesmo que dominou a electricidade, venceu os ares, libertou o átomo, atingiu a Lua, enfim, o homem moderno das descobertas e soluções científicas, ele foi capaz de substituir a guerra (que é um processo de força) por uma solução de inteligência?

A vertiginosa materialização da vida é uma corrida inestancável. Enquanto nas grandes cidades se multiplicam as seduções do gozo sensorial das multidões, o homem, na grande luta pela felicidade, busca primeiro o domínio da matéria e esquece os bens espirituais.

Agora, pergunta-se, quem poderá fazer com que se reencontrem, nesta civilização, a matéria e o espírito?

Para lá da cientista que nos dá o sumo da sua obra, para lá do artista que é a ressonância das comoções humanas, é ao educador, que tem acesso à inteligência humana, em sua fase configurativa, a quem compete contribuir para espiritualizar a concepção de vida dos homens.

No momento em que os meus queridos Amigos e Companheiros de escotismo, Eduardo Ribeiro e Eduardo Pena Ribeiro, me solicitam colaboração para o *nosso* jornal, ao invés de um artigo, lembro-me de apelar no sentido de cada escoteiro colaborar na obra libertadora, na obra expectante da humanidade que, quanto mais desinteressada for, mais fecunda se tornará. Que cada escoteiro participe com alma e devoção dessa luta pelo espírito humano, com uma pedagogia fundada na ciência, mas sobretudo fundada no amor nos corações de cada homem.



A BOA ACÇÃO



O hábito da Boa Acção diária foi sempre prática estimulada entre os Escoteiros como forma de criar o espírito de serviço. B.-P. dizia: Quando nos levantamos de manhã, lembremo-nos de que temos de fazer uma boa acção em benefício doutrem durante o dia. **Mas isto é apenas o princípio. B.-P. alarga depois este espírito recomendando:** Em tudo o que fizerdes, pensai na vossa Pátria. Não gasteis todo o vosso tempo e dinheiro apenas em vos divertirdes, mas pensai primeiro como podereis contribuir para o bem comum. **Este espírito de serviço está bem arreigado em todo o mundo escoteiro. Nestas colunas publicamos assiduamente notícias das iniciativas que em toda a parte os escoteiros tomam para bem servir as comunidades em que se inserem. É encantador verificar a imaginação de que dão provas para descobrir a forma de serem úteis.**

Só em Portugal, particularmente em Lisboa, onde não seria preciso imaginação nenhuma porque os problemas aí estão candentes, esperando apenas que se apresentem pessoas de boa vontade para servir, os escoteiros continuam muito interessados apenas no seu Parque de Escotismo, com os horizontes limitados pelos pinheiros e acácias que o rodeiam, ignorando os problemas e as aflições em que tantos infelizes se debatem e perdendo oportunidades de fazer prova de que realmente estão sempre prontos para servir.

O XX JAMBORI NO AR

UM EMPREENDIMENTO EM MARCHA!

Conforme noticiámos no último número, a Organização Nacional está-se dedicando de alma e coração aos trabalhos preparatórios desta realização mundial dos escoteiros. Esta é a melhor garantia que os escoteiros podem ter de que, chegada a altura, tudo estará pronto para que, no que estiver dependente dos organizadores, se retirarem os melhores resultados deste JOTA.

Agora só é necessário que os escoteiros e guias de todo o país ponham os olhos no bom exemplo que a Organização Nacional está dando e se entreguem a preparar as coisas para que, às 0 horas do dia 15 de Outubro p. f., possam ser dos primeiros a chamarem *CQ Jamboree!*

As frequências que devem ser sintonizadas são as que recomenda a organização escotista mundial. Ei-las:

FONIA	EM FONIA	GW
Banda dos 80 metros	3,740: 3,940 khz	3,590 khz
» 40 »	7,090 khz	7,030 »
» 20 »	14,290 »	14,070 »
» 15 »	21,360 »	21,140 »
» 10 »	28,990 »	28,190 »

Nota: é conveniente escutar-se durante algum tempo, *antes* de se chamar *CQ JAMBOREE*, para se ter a certeza de que a frequência está livre.

Folhas de inscrição

Já estão a ser distribuídas as folhas de inscrição para o JOTA, as quais devem ser devolvidas, devidamente preenchidas, até *30 de Junho p. f. sem falta*, pelos grupos, agrupamentos e companhias que desejam tomar parte no JOTA. Quem tal não fizer, dentro deste prazo, ficará excluído do envio de qualquer material para o JOTA, inclusive o material técnico.

Através da recolha destas folhas, a Organização Nacional pretende ter os elementos necessários que lhe permitam dividir os escoteiros pelos radioamadores e, assim, conseguir que esteja a trabalhar o maior número possível de postos.

Concursos do JOTA

Como já dissemos no último número, além dos habituais concursos «A Melhor Fotografia do JOTA» e «O Melhor Relatório do JOTA», realiza-se este ano também o Concurso dos Desenhos para Carimbos Comemorativos e Sobrescritos do JOTA-77, que versarão motivos escotistas e de radioamadorismo.

A Organização Nacional já publicou o regulamento de qualquer destes concursos, que será enviado a quem o solicitar a:

— Justino Estêvão da Silva (Organizador Nacional do JOTA).
Rua 1, à Rua Bastos Nunes, 2-1.º esquerdo.
Queluz (telefone 952118).

Mãos à obra! E não esquecer de apresentar à O. N. todas as críticas e sugestões que julgarem úteis. O JOTA é uma actividade colectiva, pelo que a colaboração de cada um não é só precisa mas bem-vinda.

SEMPRE PRONTO — Propriedade da Aliança Nacional das ACMs de Portugal
(CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA)

Director e Editor — **Eduardo Ribeiro**
Director Adjunto — **Joel Ribeiro**
Administrador — **José Eduardo Pena Ribeiro**

SECRETÁRIO DA REDACÇÃO: **A. C. Lapa Conde**

EQUIPA DE ADMINISTRAÇÃO: **Capitolino Ferreira Macedo, Ernesto Clímaco do Nascimento, Luís Garcia**

Número avulso: 7$50 — Assinatura anual: 60$00